

Transmissão, transformações e evoluções em psicanálise.^[1]

MARIA BEATRIZ ROMANO DE GODOY

Quero agradecer aos meus colegas e amigos, pela oportunidade que me foi oferecida de abrir os trabalhos deste ano, podendo ocupar este espaço tão caro e precioso para nós do Departamento Formação em Psicanálise. Agradeço aos que direta ou indiretamente trabalharam para tornar este momento possível, especialmente aos integrantes da Comissão de Eventos. Também agradeço a todos que aqui estão dando vida aos nossos desejos de encontro, trabalho e trocas.

Este é um momento de confraternização e de alegria. É com esse espírito que desejo falar e ser ouvida, pois meu objetivo é o de dar as boas vindas aos alunos e desejar um ano proveitoso a todos.

Em 22 anos de Sedes, é a primeira vez que falo com os psicanalistas mais jovens de outro lugar que não o de professora/supervisora. E trabalhar aqui no Sedes, sempre foi sinônimo de realização pessoal e profissional, pois esta instituição é plural, faz parte de nossa história política e psicanalítica e me permite desfrutar de trocas intelectuais e afetivas, que surgem tanto nos seminários teóricos e clínicos, que aqui tenho o privilégio de coordenar, como na relação com os colegas e amigos que aqui pude construir. Esses dois campos, da educação/transmissão e o trabalho realizado em meu consultório, atendendo pacientes e desfrutando da intimidade de tantas vidas, formaram os pilares da minha experiência de psicanalista.

Psicóloga, Psicanalista
Membro associado da
Sociedade Brasileira de
Psicanálise de São Paulo
Membro efetivo do
Departamento Formação
em Psicanálise
Docente do Curso
Formação em Psicanálise,
Instituto Sedes Sapientiae
Docente do Curso
de Pós Graduação
em Psicoterapia
Psicanalítica, UNIP

1. Texto lido na aula inaugural do curso de Formação em Psicanálise em 02 de março de 2016

Mesmo passados tantos anos, continuo a me encantar ao sentir o brilho nos meus olhos e ver esse mesmo brilho estampado nos olhos dos que compõem esses grupos quando, nesses encontros, a psicanálise vai tecendo, com seus fios invisíveis, contornos de outro universo, o do inconsciente, revelado em infinitas nuances que pouco a pouco alcançamos, tendo como inspiração o conhecimento deixado pelos psicanalistas que nos antecederam. Costumo dizer que, ao fechar a porta da nossa sala de aula, ou do consultório, criamos uma moldura, “instalamos um enquadre”, e nossa atenção flutuante, nossa associação livre, nossa memória sonho e tudo o que isso carrega de criatividade, de sensibilidade e de conhecimento, abre um espaço “mágico” para que as transferências emergjam e possamos ouvir o que está sendo comunicado num código especial que a psicanálise promove.

Nosso lugar de psicanalista, seja o daquele em começo de formação ou do psicanalista com mais experiência, pode desenvolver uma compreensão particular da dinâmica que ali vai se configurando. Nesse espaço e tempo assim constituídos, uma história clínica de um paciente, um texto a ser ensinado e apreendido, ou uma simples conversa, servem de pretexto para o encontro ganhar volume e profundidade; para o contato com o que é mais íntimo e precioso, emergir: a linguagem que o inconsciente comunica e sobredetermina. Estas são marcas que o psicanalista carrega. Não só em seu consultório. Há analistas que abrem espaço para convites às diferenças, às transferências e expandem um lugar e um tempo. Isto vai marcando nossos espaços públicos e privados. Cabe a cada um de nós estarmos atentos para perceber em que enquadre estamos e o que vivemos, sentimos, captamos, podemos transformar. Assim compreendo a psicanálise viva e expandida, que não é só uma profissão, mas um ofício e um projeto de vida que merece delicadeza, autenticidade, verdade e respeito. Mas o que necessitamos para sermos psicanalistas?

Quando estava amadurecendo a comunicação de hoje, lembrei-me de um texto que me marcou: *Cartas a um jovem poeta*, de Rilke (1953). No texto, um jovem poeta perguntava a Rilke se seus poemas eram bons e ele, compreendendo que a pergunta era mais profunda, que continha o desejo de saber se poderia ser poeta, faz a seguinte afirmação:

O senhor está olhando para fora, e é justamente o que menos deveria fazer neste momento. Ninguém o pode aconselhar ou ajudar - ninguém. Não há senão um caminho. Procure entrar em si mesmo. Investigue o motivo que o manda escrever: examine se estende suas raízes pelos recantos mais profundos de sua alma; confesse a si mesmo: morreria se lhe fosse vedado escrever? (p. 22).

Acho que temos que nos perguntar se é possível viver sem a psicanálise e tudo o que ela nos oferece e exige, pois não se trata de obedecer a cânones, regras, leis, fazer disso uma obediência cega ou um ideal de vida. Mas de se oferecer às transformações que a psicanálise permite, em nós e no outro, por desejo e razões íntimas, levando em conta limitações, tanto nossas, como da própria psicanálise.

Falo do famoso tripé, exigido na formação do analista, este é um tema recorrente em aulas como esta, pois não nascemos psicanalistas; não viramos psicanalistas; não é só o nosso desejo que nos autoriza a sermos psicanalistas. O desejo é o nosso poderoso ponto de partida, nos sustenta, mas há uma construção a ser feita. Nesse tripé, a nossa análise pessoal é a parte fundamental nessa construção, nessa constituição de vir a ser psicanalista. Esse vir a ser próprio da análise é, para nós, o encontro com o nosso inconsciente, com o nosso passado atualizado na transferência e com o nossos presentes vividos. É a análise que nos prepara e nos ajuda a conhecer a psicanálise, realizar um estudo profundo e a atender os pacientes. Por isto é necessária durante todo o processo oficial de formação. Porém, ler e estudar exaustivamente os textos da teoria psicanalítica de Freud e de seus seguidores, sua metapsicologia, é o que fornecerá o apoio à prática clínica, sua sustentação. Mas, novamente é preciso salientar que esse ensino se dá numa relação acompanhada e orientada pelos mais experientes. O estudo e a leitura dos textos dos diferentes autores também necessitam de uma tradução que leve em conta o que há nas entrelinhas e nas entre palavras da teoria. Caso contrário essa leitura, ou esse estudo, correm o risco de serem “chapados”, de não terem profundidade, não serem compreendidos ou, pior, serem distorcidos.

Dois aspectos merecem relevo: um, diz respeito ao fato do perigo de transformar a teoria em dogma fechado, acabado e religioso. Tanto de quem

acompanha sob sua responsabilidade os menos experientes, como dos menos experientes que podem engessar a sua capacidade de escuta e sua liberdade para aprender o novo, em nome de uma militância ou fidelidade teórico - “partidária” a um único autor, muitas vezes, escolhido precocemente. O estudo criterioso e crítico podem ser substituídos pelo fazer, obedecer, pegar carona nas ideias dos outros e de repetir o que o outro disse. Passa-se a viver de idealizações e não de sublimações.

O segundo aspecto é o que faz da teoria um “crivo”. Assim, o psicanalista em formação muitas vezes deseja encaixar o que o paciente diz na teoria ou vice-versa. E, na clínica, o psicanalista necessita viver a experiência do encontro com seu paciente inteiramente. Escutá-lo! Sem teorias ou crivos, precisa aprender a escutar o que está sendo dito como algo novo a cada sessão, a cada encontro e a suportar o não saber, as dúvidas e incertezas que, inevitavelmente, ocorrem no processo analítico. Para haver encontro vivo é necessário esquecer o passado e o futuro, para que eles possam emergir como material de nossas associações livres, com qualidades oníricas, míticas, com possibilidades de gerar transformações e não verdades que engessam nosso pensar.

A prática clínica, junto com a supervisão dos casos atendidos, integra o outro ponto do tripé. Atender pacientes e supervisionar os atendimentos são o que dá sustentação a nossa formação. O espaço de supervisão e/ou de seminários clínicos é um lugar privilegiado onde, tanto aqueles que iniciam, como os mais experientes nesse ofício, podem encontrar a oportunidade de colocar a escuta de sua experiência de atendimento, sob reflexão acompanhada. É o lugar e o momento em que o psicanalista pode se ouvir e aprender a usar a teoria que vai estudando, para refletir sobre o que uma pessoa fala em análise e como lidar com esse discurso tão diferente daquele que normalmente usamos em nossa vida cotidiana. É nesse lugar que pode haver o encontro do psicanalista, com a reflexão sobre o objeto psicanalítico. É onde ele pode pensar sobre sua contratransferência, seus afetos, emoções, e sobre aqueles que o paciente suscitou; ter contato com as dúvidas e incertezas ligadas ao seu desejo de saber onipotente, que é bem desafiado em nossa prática, e perceber o valor de desenvolver a paciência e de estar atento ao seu próprio narcisismo. Portanto, a necessidade da análise pessoal, do estudo cuidadoso e crítico, da experiência

de atendimentos de pacientes e supervisões clínicas fazem parte desse campo que a psicanálise constitui. Para sermos psicanalistas nos submetemos voluntariamente a esse tripé. Faz parte da nossa tentativa de cuidar de nós e do outro, pois, por sermos humanos, somos passionais, carregamos sentimentos, emoções, afetos não só angelicais; carregamos amor, mas também ódio, medo, inveja, ciúmes, ternura, sedução, distúrbios neuróticos, perversos, psicóticos.

Há um custo emocional para sermos analistas e temos que nos aproximar de nosso aparelho psíquico, e conhecê-lo faz parte dessa escolha e desse compromisso. Bem como é preciso ter consciência de que temos que aprender fazendo e com alguém que possa nos acompanhar, nos ensinar. O ofício de criar ou desenvolver nossa função psicanalítica supõe depender necessariamente. Depender de criar um vínculo com esses outros mais experientes. Trata-se de uma tessitura sutil e delicada que essa artesanaria inclui. Esse é também o ponto aonde desejava chegar neste encontro: falo da IDENTIDADE PROFISSIONAL ou sobre O NOSSO TECIDO IDENTITÁRIO.

Quando inspirada em Rilke, que convidava o jovem poeta a olhar para dentro de si e a se perguntar se podia viver sem escrever, radicalizando o desejo, eu afirmo que é preciso escutar o que surge internamente, ao responder se podemos e desejamos ser psicanalistas. Essa resposta não se refere somente à profissão, pois surge mesmo antes de qualquer experiência, e nos fisga. Aí começamos a tecer nossa identidade de psicanalistas.

Quero com isso ressaltar que nessa escolha e compromisso vai sendo escrita também a nossa história singular com a psicanálise, feita de necessidades, desejos, transferências, transformações, evoluções... Vai se constituindo o nosso tecido identitário. Falo de nossa vocação que inclui o ontem, o hoje e o devir. Convida a observar uma lógica própria, com raízes na fantasia, no onírico, no não sabido. E, mesmo sem saber, vamos tecendo um “elo de ligação” entre a subjetividade e a cultura, durante nossos estados solitários, antes mesmo de atender nossos pacientes.

Quando me interessei pela psicanálise, lá pelos idos de 1970, era aluna da USP e tinha como professores de psicologia clínica e como supervisores alguns analistas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, com quem tive o privilégio de ser aluna e/ou supervisionanda. Faltava-me análise

e maturidade, mas me fascinava o que ouvia. Comecei a desejar ser psicanalista e não mais a psicóloga que atenderia crianças para ajudá-las a superar dificuldades escolares e familiares. Nessa época, fora a Sociedade, existiam grupos de estudo que eram oferecidos pelos psicanalistas e frequentados por anos, décadas, pelos simpatizantes da psicanálise, que assim iam construindo seus conhecimentos. A psicoterapia de base analítica e as supervisões de orientação analítica formavam o tripé daquela época.

Assim fui conhecendo Freud e me comprometendo com a psicanálise. Freud, como se sabe, preocupou-se com a transmissão da psicanálise, tentando cuidar para que o eixo de sua descoberta não se perdesse, e o campo tão rico e fértil não se pervertesse. Instituiu a filiação e com ela os institutos de formação como forma de cuidar da herança que deixou.

Freud foi, é e sempre será a nossa base. O grande mestre, o gênio que pôde realizar uma castração narcísica à humanidade, dizendo ao homem que o que ele sabia e tinha consciência não era tudo. Ele carregava seu inconsciente que o sobre determinava e o fazia sofrer, agir, desejar, pensar sem saber de si.

Quando falamos em psicanálise, falamos de Freud e de sua criação e descoberta, da riqueza de seus textos, da elegância de sua escrita. Da profundidade com que tratou assuntos tão difíceis e delicados, ainda mais para a época em que viveu, e sua coragem em desvelar os segredos da alma. Inclusive da própria.

Falando desde um contexto macro da psicanálise, seu conceito fundamental e fundante de Complexo de Édipo, que liga as pulsões capturadas pela linguagem, enquanto movimento de simbolização, que possibilita uma rede de representações seria o que liga natureza e cultura. Freud dedicou muito tempo de sua vida trabalhando esse conceito, desde 1897, quando escreveu sobre isso ao amigo Fliess. Nesse mito está representada também a presença da subjetividade humana e da luta contra a barbárie, ou da luta humana contra os aspectos destrutivos que nos habita, a nossa peste. Penso que essa seria a invariância encontrada na psicanálise, uma espécie de motor que transcende os tempos e as teorias psicanalíticas.

Mas, refletindo hoje sobre esta questão, percebo-me sensível e sensibilizada para outros vértices que já se apresentavam quando desejava ajudar

crianças com dificuldades de aprendizagem. Comecei a me encantar com a teoria kleiniana, mesmo estranhando sua prática clínica. Ela desfazia o enlevo dos textos freudianos e me obrigava a encarar o que de mais penoso e doloroso temos que enfrentar: nossa intimidade e subjetividade escancarada pelas dores e prazeres que nossas características e nossos sintomas deixam entrever. Durante todo este tempo de mergulho nos textos dessa autora e na psicanálise freudiana, com a sua releitura, pude ir descobrindo o valor de sua proposta: nem todos os pacientes, crianças ou adultos, têm mente organizada. Vinha um desafio: era preciso aprender a lidar com psicóticos, compreender as pulsões de vida e de morte, sua teoria das posições, os conceitos transformadores do Édipo primitivo, de inveja primária, o mecanismo de identificação projetiva, bagagem que muito me ajudou a conhecer e trabalhar com o abandono e o desamparo, frente a si próprio.

Tempos depois conheci a teoria de Bion, desde uma experiência como analisanda, por longos anos, quatro ou cinco vezes por semana. Percebi-me desejosa de conhecer esse autor mais a fundo e, sua história de vida e cultura erudita me conquistaram. Bion começou seu percurso como psicanalista sendo analisando de Melanie Klein. Porém sua obra se desenvolveu de forma original e fecunda, a ponto de se distanciar dela criando um corpo teórico de concepções próprias. Em sua obra é possível perceber a incorporação harmoniosa de uma dupla parental psicanalítica - Freud e Klein, mesmo tendo dado direções diferentes a postulados desses dois autores. Sua principal experiência foi analisar esquizofrênicos e outros pacientes muito regressivos. Conceitos como diferença entre personalidade psicótica e não psicótica, sua teoria sobre o pensar e o conhecimento, os ataques ao elo de ligação, a teoria sobre transformações e a diferença entre acolhimento, empatia e continente vivo e ativo, entre tantos outros, transformaram minha escuta e meu modo de trabalhar. Meu modo de ser também. Só aí busquei formação na Sociedade.

Muitos de vocês podem estar se perguntando: qual a importância desse histórico? Mas como estou focando a questão do tecido identitário na formação de um analista, desejo ressaltar a importância das escolhas, das transferências e das transformações que cada um de nós vivencia como algo precioso, sagrado e legítimo. As diferentes trajetórias não fazem de um percurso algo menor, pior,

ou melhor. Não há a verdadeira psicanálise, só mesmo a de Freud, pois foi ele quem descobriu e desenvolveu esse campo do conhecimento. De resto, somos todos herdeiros de Freud e fazemos transformações, evoluções.

Finalmente, é preciso dizer que uma apropriação de uma herança, especialmente como a que Freud e seus seguidores nos legaram, inclui enlutar. Enlutar para fazer mudanças. Este será um luto que equivale a renunciar à idealização que acompanha todo um processo de formação. Renunciar à figura idealizada do professor/supervisor, à perfeição dos institutos formadores, renunciar ao narcisismo da infância e poder aceitar os próprios limites: é o luto do outro no lugar idealizado da completude e a aceitação as limitações que todos carregamos.

A teoria, ou as teorias, só serão de fato úteis, se não forem herança morta. Se puderem ser criadas e recriadas pela experiência emocional viva. Caso contrário pouco acrescenta e pouco serve como elo de ligação para a criação, que o conhecimento do novo nos desafia a construir.

Atravessamos um momento delicado. Como nos disse Frei Beto em uma palestra aqui no Sedes, durante o ano passado: não estamos vivendo uma mudança dentro de uma Era. Estamos vivendo uma mudança de Era. Não sabemos ainda quase nada do que isto significa. O que foi útil e serviu a outros tempos, pode não servir mais atualmente.

Pode ser que a própria psicanálise, como hoje a conhecemos, desapareça. Mas, enquanto houver um psicanalista e um paciente que nele confia, haverá lugar para o desenvolvimento desse ofício. Aí cabe também uma responsabilidade ímpar a todos nós: a de manter viva a Psicanálise como método, como técnica, como metapsicologia que conserve o amor à herança deixada, que une os psicanalistas desde Freud; e a de permitir que aqueles que buscam, como vocês e como nós, o conhecimento e o desenvolvimento de si próprios, possam tecer ponto a ponto a construção da teoria com a prática clínica e com a subjetividade, fazendo do aprendizado, uma fonte e um interminável devir.

REFERÊNCIAS:

ALONSO, S. A apropriação das heranças no caminho da construção de um analista. *Jornal de Psicanálise/ Instituto “Durval Marcondes”*, SBPC. São

Paulo, v.38, n.69, p.165-77, 2005.

BARONE, L. Editorial. *Jornal de Psicanálise/ Instituto “Durval Marcondes”*, SBPC. São Paulo, v.38, n.69, 2005.

BION, W. R. *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

_____. *Transformações: mudanças do aprendizado ao crescimento*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

GODOY, M.B.R. Psicoterapia psicanalítica e a transmissão da herança viva: Os bastidores do processo de formação. In: SIMON, R. e LEVINZON, G. K. (Org) *Progressos em psicoterapia psicanalítica: Dez anos, uma história*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.305-330, 2006.

LA BOETIE, E. de. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

RILKE, R. M. *Cartas a um jovem poeta e A Canção de amor de morte do portandarte Cristóvão Rilke*. Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo: Globo, 1953.

SOUSA Neto, M. F. O ofício, a oficina e a profissão: Reflexões sobre o lugar social do professor. *Cad. Cedes, Campinas*, v.25, n.66, p.249-59, 2005.

ZIMERMAM, D. E. *Bion, da teoria à prática – uma leitura didática*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Maria Beatriz Romano de Godoy

Avenida Rouxinol, 84 cjtos. 44/45 - Moema

11 5093-9822

biaromagodoy@uol.com.br